

República do Atraso

Entre 1965 e 1985, 36 países classificados de baixa renda pelo Banco Mundial tiveram crescimento anual de renda per capita de 2.9% enquanto o Nordeste brasileiro se expandiu a taxas médias anuais superiores a 4,5%. No entanto, a expressão “nordestinização do Brasil” continua sendo considerada pejorativa, pois ela se refere ao estilo perverso desse desenvolvimento: o trágico descompasso entre o crescimento econômico e o baixo desenvolvimento social. É mesmo um estilo paradigmático do que há de mais arcaico e reacionário no Brasil.

A nordestinização inclui elites extraordinariamente conservadoras, com um discurso assistencialista e alérgico a todo tipo de mudanças. Na tese *O mito da necessidade*, a geógrafa Iná Elias de Castro nos descreve seus parlamentares, empresários rurais e urbanos e profissionais liberais – mas não representantes de trabalhadores. Nos mostra como eles cultivam a idéia de que seus problemas provêm de fora: a seca, a dependência do Centro-Sul, o modelo de desenvolvimento, e a idéia de que a questão do Nordeste é uma questão nacional, nunca nordestina. Cerca de 70% dos senadores provêm, hoje, desse Brasil arcaico.

A mentalidade da nordestinidade usa a retórica da pobreza para captar recursos. Em geral, subsídios a produção que não têm compromisso com a eficiência. Nem com as transformações são óculos a fundo perdido, ninguém cobra nada de ninguém. A pobreza serve mesmo é de pretexto para se conseguir financiamento, subsídio, perdão de dívidas. É um alibi – mais uma atitude exemplar da face mais feia que o Brasil apresenta ao mundo.

A população despreparada e explorada mercadeja seus votos sem qualquer hesitação — eleição no Brasil vetusto é uma enorme bolsa de sufrágios. Um grande jogo, em que vale tudo, inclusive quase ir à falência, porque depois a gente recupera rápido. Nesse Brasil, a apropriação da coisa pública é uma espécie de retorno do investimento. E ajudar a família com o dinheiro dos impostos, uma demonstração de bom caráter e fidelidade clânica. A macheza dá um jeito em quem se levanta contra esse estilo siciliano.

É evidente que existem vários nordestes e vários tipos de nordestinos. É óbvio que não estamos falando da República do Ceará, nem do ex-governador Tasso Jereissati (PSDB-CE), que justamente é identificado como uma liderança renovadora, que liquidou politicamente os tradicionais coroneis de seu Estado, equilibrou as finan-

ças e fez um sucessor capaz de dar continuidade ao processo de modernização.

A nordestinização também não se refere aos 18 milhões de nordestinos que foram, na prática, escoraçados pela falta de terras nos anos 60, ou aos 24 milhões que foram empurrados para o sul na década seguinte. Êxodo caótico que pode ser interpretado como uma espécie de “votação com os pés” contra a classe dirigente nordestina.

Foram seus representantes os responsáveis em última análise, pelo caótico crescimento do Rio, de São Paulo, de Brasília e de outras cidades do Sul do Brasil. Por seu imobilismo, sua insensibilidade, suas alianças com o atraso, a banalização da roubalheira e as cenas de jagunçagem explícita.

O Nordeste abriga um terço da população brasileira, mas concentra a metade dos analfabetos do país. Por falta de infra-estrutura 60% do lixo doméstico são desprezados em terrenos baldios, criando focos de doenças diversas. Cerca de 57% dos trabalhadores da região, com três dependentes em média ganham menos de dois salários mínimos por mês. O pior do Nordeste está aí: mesmo na terra, nem no povo, mas na sua elite.